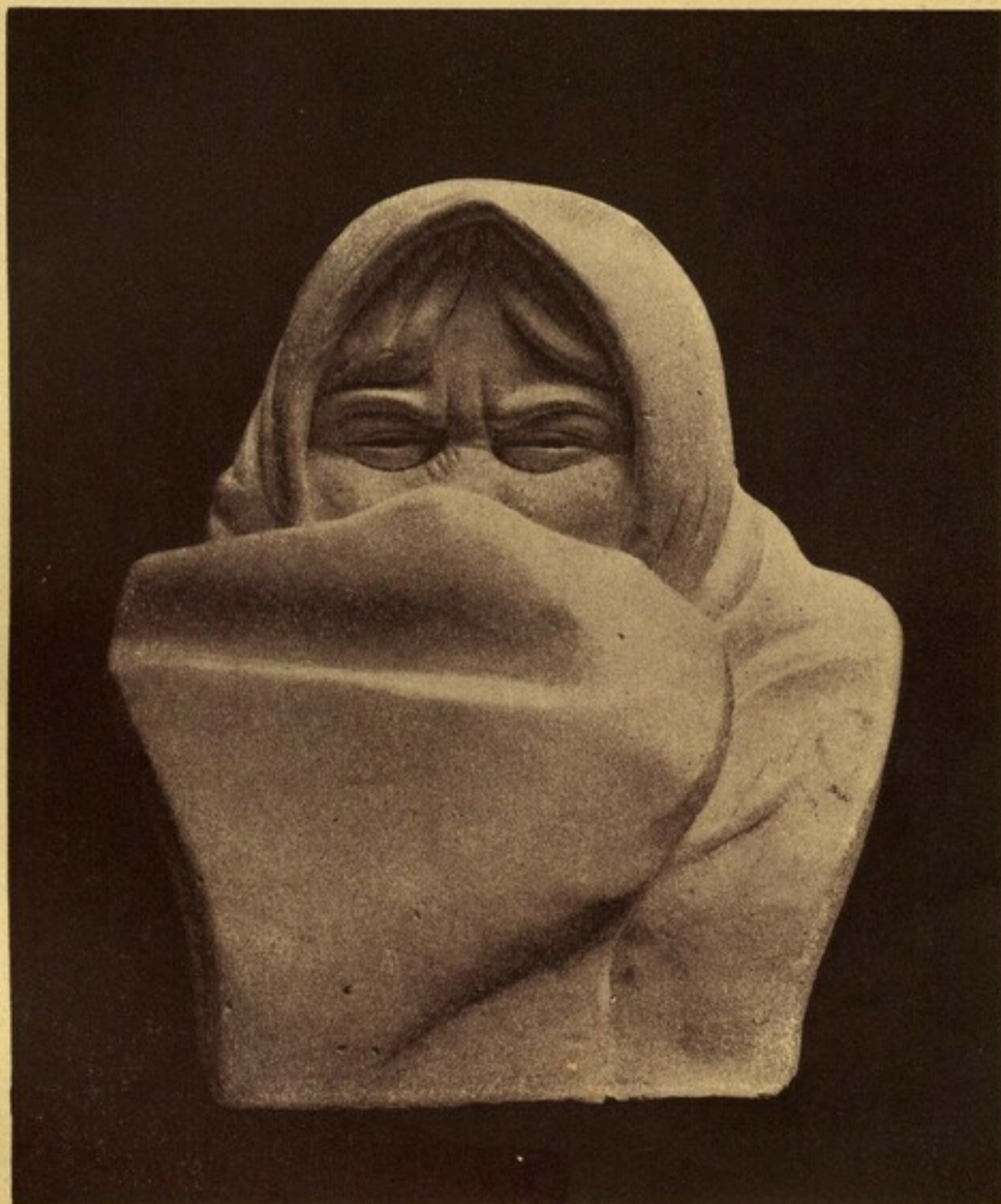


Vitor de Melo

Rosalina de Passos

uma grande escultora algarvia



VÍTOR DE MELO

ROSALINA DE PASSOS

UMA GRANDE ESCULTORA ALGARVIA



EDITORES E DEPOSITÁRIOS
GOMES & RODRIGUES, L.^{DA}
17, LARGO DE D. ESTEFÂNIA, 21 — LISBOA

Museu do Trajo
São Brás de Alportel

Centro de
Documentação



D. Rosalina de Passos

Museu do Trajo
São Brás de Alportel

Centro de
Documentação

PREFÁCIO

Tendo-nos sido pedido um artigo sôbre D. Rosalina de Passos, para uma publicação referente ao Algarve, resolvemos entrevistar a Artista e dar a conhecer as suas impressões sob esta forma, por nos parecer que assim despertaria maior curiosidade no público que pouco se interessa pela escultura. Julgámos ainda êste processo o melhor para falar do valor e da simplicidade da grande Escultora, que vive nas terras do sul, prêsa pelos encantos da païsagem dos seus campos floridos, em pleno inverno, pelas brancas e rosadas flores das amendoeiras.

Nasceu D. Rosalina de Passos no coração do Algarve, em S. Brás de Alportel, terra de poetas e moiras encantadas, recanto de amor e beleza, que vive da grande simplicidade dos seus campos quando o sol desponta e inunda a terra e os horizontes com a sua luz rubra e sangüínea.

D. Rosalina de Passos, escultora por natureza, tem hoje mais de uma centena de trabalhos que a impõem como artista de génio.

Uma grande parte dêsses trabalhos estão em gêsso, mas a maioria encontra-

-se ainda em barro, para o que tem contribuído a falta de um formador no Algarve.

Expôs várias vezes em Lisboa obtendo sempre louváveis referências da crítica.

A primeira vez que expôs na capital foi no salão de «O Século», depois na Casa do Alentejo e duas vezes na Sociedade Nacional de Belas-Artes, a última, há dois anos, na I Exposição Feminina de Artes Plásticas no grande salão da rua de Barata Salgueiro.

Os seus maiores trabalhos, estátuas de tamanho natural, ainda não foram expostos em Lisboa, ou em qualquer outra cidade, devido à dificuldade de transportes para obras destas dimensões. Apenas na sua casa de S. Brás têm sido admiradas por pessoas que a visitam. Aí, duas grandes salas, transformadas em museu, guardam quasi uma centena de trabalhos seus.

Ouçamos o que disse Hugo Rocha no «Comércio do Pôrto», quando esteve em S. Brás de Alportel:

«Quando visitei, a convite do marido da Artista, a exposição dos trabalhos de D. Rosalina de Passos, instalada, sem luxo de qualquer espécie, em duas dependências do rés-do-chão, cujo pavimento de ladrilho não se diferencia do da quasi totalidade, se não da totali-

dade, das casas sambrasenses, lamentei que essa casa não pudesse ser visitada por quantos, em Portugal, se interessam pela arte e os artistas.

A princípio, quando me revelaram a existência, em S. Brás de Alportel, de uma escultora desconhecida, sugerindo-me a visita que não tardei a fazer, não supus ir deparar com um santuário de arte, mas sim, talvez, com uma sala de visitas, que o bom gosto da dona da casa soubera ornar de trabalhozinhos bonitos, de lavoures executados, pacientemente, hábilmente, durante os ócios, consentidos pelo govêrno caseiro. Verificando, depois, que me havia enganado, exultei de júbilo sincero. Sabia que o Algarve era terra de poetas e prosadores, tantos dêles ilustres. Não ignorava, também, que alguns pintores e desenhadores de boa escola — Samora Barros e Bernardo Marques, por exemplo — honravam, com a sua actividade artística, esta província encantadora. Nunca, porém, um nome de escultor se destacara, a meus olhos, no quadro de honra dos artistas algarvios. Daí a deduzir que o Algarve não tinha escultores ia, naturalmente, um passo... Eis que D. Rosalina de Passos, no seu lar modesto de S. Brás de Alportel, me demonstra a existência, pelo menos, de um escultor, ou antes: uma escultora de incontestável mereci-

mento. E acentuo: pelo menos, porque um filho da Artista, Joaquim Rodrigues de Passos, é, também, como pude observar, barrista de inspiração fecunda, promitente, se o fluxo e o refluxo da vida incerta não lhe modificarem ou estorvarem o surto da vocação, de obra vasta e bela, mais conhecida e celebrada, por certo, que a da mãe.

Note-se, porém, que não foi a existência destes dois artistas da escultura, mãe e filho — aquela, principalmente — o que me levou a classificar a família de artistas. Dois irmãos da veneranda senhora — Bernardo de Passos, o lírico admirável de A Árvore e o Ninho e Refúgio, que acabo de ler, enternecidamente, e Boaventura Passos, prosador de garra, de quem conheço alguns excertos de uma obra inédita e valiosa — cultivaram as letras. D. Virgínia de Passos, irmã da Escultora, é uma pintora cujos quadros são, como os barros de D. Rosalina de Passos, o produto de um autodidactismo tão inspirado como ousado. E outro filho da Escultora, para que tôdas as artes estejam representadas na família, compõe música, que interpreta no piano de parede, ornamento da sala principal da casa paterna.

É nessa sala que se exibem os principais trabalhos de D. Rosalina de Passos. Ao centro, sob uma espécie de ca-

ramanchão alegórico, reminiscência de presépio, assenta o grupo escultórico da Sagrada Família, em tamanho natural, um dos mais recentes trabalhos da Artista e, talvez, o mais representativo. É, porém, na simbólica — e, em especial, na modelação de bustos — que a Escultora evidencia todo o seu poder conceptual. A interpretação, por exemplo, dos sete pecados mortais documenta a notável classe da Artista. Outros trabalhos de carácter simbólico, como Rodar do tempo, Segrêdo da avôzinha, Êxtase, bastariam, também, para impor a óptima qualidade do temperamento artístico de D. Rosalina de Passos. Notarei, ainda, a reprodução de figuras célebres, como a de Beethoven e a de Herculano, os bustos de Cândido Guerreiro, Bernardo de Passos e Boaventura Passos, os apontamentos etnográficos como essa encantadora Camponesa algarvia.

Todo este labor, que surpreende tanto pela quantidade como pela qualidade, é realizado, sem alardes, sem propaganda, com simplicidade, com modestia, numa oficina instalada junto do terraço vasto do edifício, em face de um panorama de várzeas e cabeços verdejantes em que as amendoeiras em flor, pelo comêço de Fevereiro, põem manchazinhas de subtil alvura. Uma vez por outra, um artista ou um admirador da

arte bate à porta do prédio baixo do largo, fronteiro à igreja e ao recinto da feira dominical. A Artista, alheada dos seus bustos, dos seus medalhões, das suas figuras plásticas, que sopitam na luz suave das suas salas, roçadas pelas asas irreverentes das môscas, lida na cozinha, na costura caseira, nos preparos diários do lar doméstico. E, quando a felicitam, quando lhe falam do seu talento, quando lhe exprobam o silêncio sob que, mais voluntária que involuntariamente, se amortalhou, ela sorri, esboça um gesto indiferente e quási se espanta de que a admirem, a louvem, a considerem artista. Sim, decididamente, S. Brás de Alportel não fica só longe, muito longe do mundo; não se lembra, sequer, de que foi berço e será, talvez, túmulo de uma verdadeira família de artistas, de uma família de eleição...»

O propósito de entrevistar D. Rosalina de Passos levou-nos a ficar em S. Brás de Alportel.

Depois de atravessar a serra, deparou-se-nos o Alportel, ao cair da tarde. Do alto da «Pousada» gozava-se um poente maravilhoso. O dia esvaía-se numa luz de opala, de pureza tal que os campos e os *montes* brancos dentre a verdura pareciam uma paisagem de cenário. Uma quietude que tudo embelezava enchia-nos a alma de sonho e ventura.

A estrada, em baixo, corria por entre quintas floridas e ao fundo a vila dormitava. Terra de moiras encantadas e de um dos maiores poetas dos últimos tempos — Bernardo de Passos.

No dia seguinte, dirigimo-nos a entrevistar a irmã do Poeta, D. Rosalina de Passos, grande escultora, e única nestas terras do sul.

Entrámos em sua casa e fomos surpreendidos por um verdadeiro museu. Mais de meia centena de grandes e pequenos trabalhos de escultura enchiam duas vastas salas.

D. Rosalina de Passos, um pouco tímida por saber que queríamos falar da artista e da sua obra, indica-nos uma cadeira e pede desculpa do pouco valor dos seus trabalhos.

— Sabe, diz-nos a Escultora, isto são entretenimentos do meu espírito, mas, sem êles, creio que a vida me seria insuportável. Desde 1928, em que meu filho mais velho sofreu uma operação de trépano, e já lá vão dezasseis anos, a vida tem sido um verdadeiro calvário para mim!

— ¿ Que acontecimentos tristes ocorreram na vida de V. Ex.^a,

até hoje? preguntá-
mos.

— A morte dos
meus irmãos Bernardo
e Boaventura, a falta
de saúde na minha
casa, têm-me enegre-
cido a alma e inspi-
rado alguns trabalhos
que traduzem o meu
estado de espírito.

Olhando para o
fundo da sala indica-
nos a *Súplica*. Traba-
lho que nos mostra
uma mulher chorosa,
de busto inteiro, as
mãos postas, numa
atitude trágica e resi-
gnada, revelando so-
frimento intenso. Fala-
nos, também, da *An-
gústia*, exposta na
Sociedade Nacional de
Belas-Artes, que ofe-



Súplica

receu para as vítimas do ciclone, e de outros tantos trabalhos que as suas mãos débeis, já cansadas pelos anos e pelo sofrimento, têm conseguido modelar. A Artista continua:

— Apesar de as minhas fôrças já não serem muitas, o meu desejo é trabalhar figuras de grandes dimensões. Olhe aquê! presépio!...

E levou-nos junto dêle, numa sala em frente. Duas estátuas, em tamanho natural, representavam S. José e a Virgem Maria, com o Menino Jesus. *S. José*, admiravelmente modelado, tem um ar de bondade que enternece e a Virgem a expressão da mãe que adora o filho.

— Desde o nascimento dos meus filhos que gostei de armar o presépio pelo Natal — Festa Santa da Família.

— ¡Disseram-nos que os presépios em sua casa, minha Senhora, tinham sempre muitos visitantes!

— Sim, os meus presépios têm sido muito visitados, mesmo quando eram de bustos feitos por mim, que eu vestia com túnicas. Mas neste, com as figuras em tamanho natural, foi tal a afluência que, de dia e de noite, tinha a casa cheia. Até de Faro e Loulé vieram pessoas para ver o presépio. Foi pena que o barro rachasse tanto, pois todos os dias tinha um trabalho extenuante a tapar as fendas logo que o barro começou a secar.



S. José

— ¿ V. Ex.^a levou muito tempo a fazer essas três estátuas da Sagrada Família?

— ¡ Calcule, eu sem a ajuda de ninguém, pois os meus filhos estavam em Lisboa, consegui modelar as duas estátuas de S. José e da Virgem Maria e ainda a do Menino Jesus, em menos de um mês!

— ¡ Mas isso foi um trabalho esgotante para uma senhora!

— ¡ Hoje, ainda me parece impossível como tive forças para tanto! Duas carradas de barro levaram estas figuras.

— ¡ Foi quási um milagre o que V. Ex.^a fez!

— Consola e estimula-me ver como esta gente do campo admira os meus trabalhos. Aos domingos, quando vêm à missa, é certo que muitos hão-de espreitar pelos vidros e outros, mais ousados, pedir licença para entrar e admirar os trabalhos que aqui estão. ¡ Pobre gente, tão boa e tão simples!

— ¡ ¿ Mas os camponeses compreendem a sua arte?!

— Apesar da falta de cultura, êles interpretam a expressão dêstes meus pobres trabalhos. Olhe, aquêle busto de mulher, de bôca aberta e dentes aguçados, com os cabelos desgrenhados, simboliza a *Calúnia*; e aquela cabeça de homem de feições grossas com expressão de dor e aflita, tendo um bicho em volta do pescoço a arrancar-lhe

as barbas, simboliza o *Zé Povinho*. São êstes, os que êles mais admiram e interpretam, no verdadeiro sentido, sem falar, é claro, nas figuras do presépio. Pois, houve já uma mulher do campo que beijando-me as mãos disse: — *Só mãos divinas podiam fazer estas imagens.*

— ¡ V. Ex.^a ficou decerto comovida com tal manifestação, que revela, na sua simplicidade, a consagração das suas qualidades de artista!

— É de supor como estas palavras me sensibilizaram, mas... pobre de mim, com uma vida tão amargurada, nem tive tempo para reconsiderar muito nelas. No entanto, sem a arte ¿ como poderia eu resistir?...

— Sim, compreendo, a arte serve-lhe de lenitivo.

— Qualquer coisa de superior às minhas fôrças me arrasta para o «atelier» e afasta o meu espírito da vida terrena. Pego no barro, modelo com um frenesi tal, que em poucas horas o barro ganha forma e expressão, reflecte a minha inquietude de alma materializando o meu pensamento nestas figuras que o senhor aqui vê. Consola-me esta faculdade que tenho de transmitir ao barro o meu sentir. É um desabafo do pensamento que cavalga através dos sofrimentos e ilusões, ganhando volume entre os meus dedos...

A Escultora calou-se como que envergonhada da sua confissão.

— ¿Diga-me, minha Senhora, todos êstes trabalhos são seus?

— Sim, mas tenho mais em casa de meu filho Vergílio, em Lisboa, e outros tenho oferecido. Dos que aqui estão, alguns foram feitos pelos meus filhos Joaquim, Ângelo e Vergílio. O meu filho Joaquim daria um grande escultor se as engenharias lhe permitissem dedicar-se à modelação. ¡Veja êste busto do meu filho Ângelo, feito pelo Joaquim!

De facto, sôbre uma mesa central, destacava-se um belo busto como de escultor célebre. Os traços fisionómicos expressivos, os cabelos encaracolados, num à-vontade de mestre, revelavam uma bela modelação tocada de génio.

— ¡E aquêle escravo, diz-nos a Escultora, é também do meu Joaquim!

Uma pequena estátua, bem musculada, traduzia o sofrimento de um prisioneiro.

— ¿Quando notou V. Ex.^a que tinha tendência para a escultura?

— A primeira visão que tive foi, numa noite de luar, quando me aproximei de uma das minhas janelas. O luar enchia o infinito e iluminava de tal beleza as chaminés, que me deu a impressão maravilhosa de estar num imenso jardim ornamentado por estátuas. Quanto mais contem-

plava as chaminés mais via nelas figuras com expressões e atitudes diferentes.

— ¿E V. Ex.^a há muito que trabalha em escultura?

— Deve haver uns vinte e cinco anos.

— ¿Como descobriu a sua arte?

— Reproduzindo postais em relêvo. Era, nessa altura, moda encher postais côncavos com gêsso. E eu, depois de ter feito isso, uma ou duas vezes, lembrei-me de reproduzir um desenho em maiores dimensões, num baixo relêvo. Comecei, então, por fazer um rectângulo de gêsso com meio metro de comprimento, depois fiz-lhe uma moldura desenhando, na parte central, a cena de Jesus e a Samaritana, junto do poço. Em seguida enchi o desenho com camadas mais altas umas do que outras, conforme o relêvo, e iniciei a modelação do gêsso a fim de lhe dar a expressão desejada. Vi, nessa altura, que me era possível copiar um desenho ou reproduzir as imagens criadas pela minha imaginação.

— ¿E continuou durante muito tempo a fazer êsses quadros em gêsso?

— Não. Tentaram-me os bustos. Principiei por fazer os bustos dos meus dois filhos, Vergílio e Ângelo, no gêsso duro, cortado a canivete. O canivete era o meu único teque, nessa altura.

E continuou:

— O meu Joaquim ainda era de peito e muitas vezes

me dificultou o trabalho, principalmente quando estava a modelar o busto de minha Mãe. Para o fazer, aproveitava a sua presença em minha casa, nas poucas horas em que cá estava. ¡Quantas vezes não a fui visitar para trazer na memória certa expressão que ainda não tinha conseguido fixar no gesso! Foi, devo acrescentar, o meu primeiro trabalho de responsabilidade. Aqui o tem.

E mostrou-nos um busto de uma senhora dos seus 70 anos.

Tinha um olhar expressivo, cheio de uma severa imponência,

que animava o gesso. Os cabelos lisos com uma marrafa ao meio formavam um pequeno carrapicho sôbre a nuca. A pele um pouco flácida e coberta de rugas caía sob o queixo. Adivinhava-se que os olhos eram azuis e a pele branca. Sentia-se vida nesse olhar que nos mantinha em respeito e admiração pela figura a que a Escultora emprestou tôda a alma no princípio da sua carreira.

— ç V. Ex.^a tem mais trabalhos feitos directamente no gesso?

— ç Vê aquêlê quadro, em oval, com uma



Busto de D. Joaquina Dias Passos

cabecinha de criança, em alto relêvo? É o meu filho Ângelo, quando tinha cinco anos.

Uma linda cabeça de criança, tôda encaracolada e de feições delicadas, sobressaía do fundo oval, ornamentado a rosas, formando um lindo medalhão de quási um metro de altura.

— ¿E modelou, preguntámos nós, durante muito tempo no gêsso duro, cortado a canivete?

— Um grande desejo de aprender, de me aperfeiçoar, fêz com que eu comprasse livros sôbre modelação; nas vezes em que fui a Lisboa procurei obter alguns conhecimentos com os escultores Simões de Almeida, Maximiano Alves e outros. Comecei então a modelar os meus bustos em barro, como todos os escultores fazem, mas o barro daqui é mau e racha sempre. ¡ Quantos trabalhos não se perderam por não terem sido passados a gêsso! E outros aí estão inutilizados pelas rachas a prejudicarem a harmonia do conjunto.

— ¿E V. Ex.^a tem conseguido com facilidade arranjar modelos?

— Nesta terra luto com tôdas as dificuldades, pois raramente encontro alguém que me sirva de modelo e quando se presta a isso não tem paciência de estar mais de dez minutos em pose. Até já tenho tentado servir-me das minhas criadas, como modelos, mas elas, na sua na-

tural incultura, mudam de posição e expressão tão rapidamente, que me enervo imenso. Ao meu irmão Bernardo, que era um santo, nunca consegui fazer um busto bom porque ao todo não esteve mais de um quarto de hora em pose. E, compreende, quem faz um busto não é como quem faz uma caricatura...

— ¿Como conseguiu V. Ex.^a a expressão da *Súplica*, sem modelo?

— Servi-me de um espelho e fui eu mesma o modelo do meu trabalho; afinal é o que quasi sempre sucede para conseguir as expressões que desejo. Eu não copio as minhas feições, mas a expressão do meu rosto. Neste busto, tive um trabalho extenuante de persistência e principalmente de concentração, para fazer a expressão e as mãos com os dedos entrelaçados em ar de súplica. Via as minhas mãos, nessa posição, ao espelho, tentava fixar a atitude e reproduzi-la no barro, o que felizmente consegui ao fim de muitas tentativas, pois em cada sessão apenas as podia ver duas ou três vezes, por depressa ficarem cheias de barro.

— ¿Foi êsse o trabalho mais difícil que conseguiu realizar?

— Para mim foi o mais difícil e de tal forma que, depois de o conseguir, disse para comigo: «¡ Se consegui



Alexandre Herculano

fazer as mãos nesta posição, consigo tudo o mais!».

— Minha Senhora, tem alguns trabalhos feitos por fotografias?

— Sim, tenho bustos feitos por fotografias, mas apenas por uma fotografia vulgar e não por três ou mais em posições diferentes, como exigem os escultores quando lhes é encomendado um trabalho sem a presença do próprio. Ali está aquela cabeça de velho que foi feita por um retrato e ainda no gesso a canivete. Alexandre Herculano, Beethoven e Tolstoi também foram feitos

com o auxílio de fotografias.

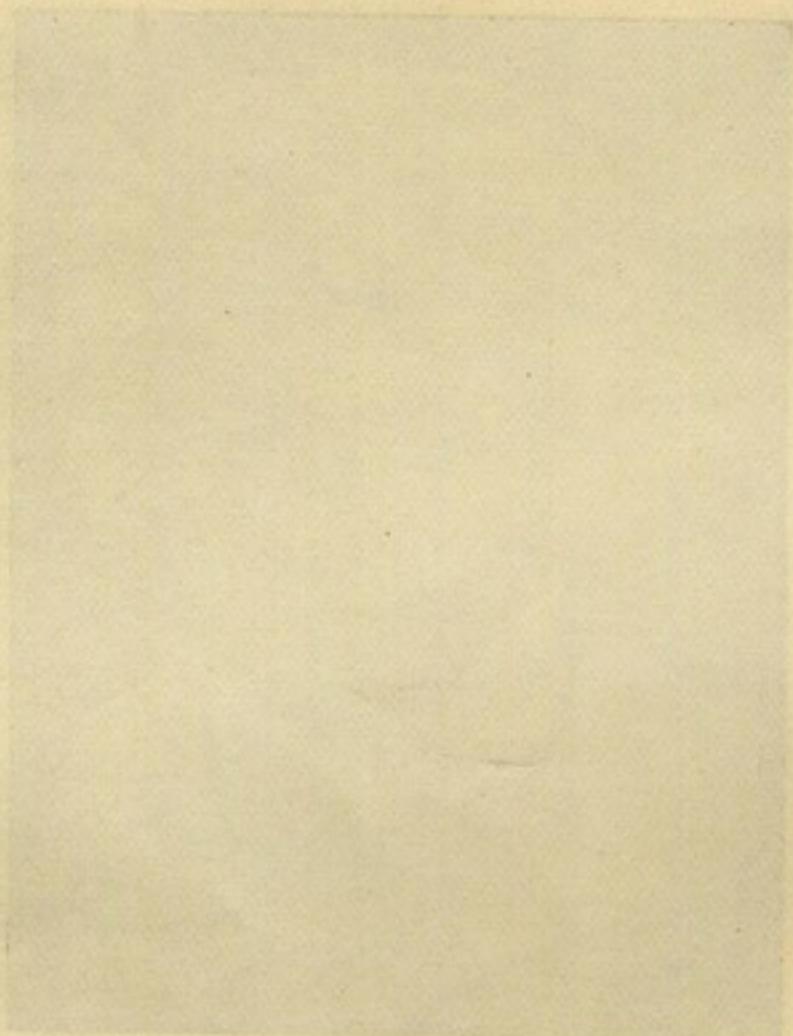
— Êstes bustos, principalmente o de Herculano, são admiráveis de realidade.

— Sôbre bustos de família que mais tem V. Ex.^a?

— Tenho o busto de meu Pai, feito também por uma fotografia, pois quando êle faleceu ainda eu era solteira e não pensava que teria esta vocação, o medalhão do meu irmão Boaventura e o busto de meu marido — e indicou-nos um busto bronzeado junto de nós. Êste trabalho esteve exposto há dois anos na Sociedade Nacional de Be-



Beethoven



las-Artes, em Lisboa, informando ainda:

— Enquanto meu marido foi saudável, procurei, mais do que uma vez, fazer-lhe o busto, mas êle não tinha tempo nem paciência. Só depois desta grande infelicidade, de ter ficado sem movimentos, foi possível acabar o seu busto.

Olhámos demoradamente o busto bronzeado que nos escutava e vimos uma testa larga num rosto bem modelado. Os cabelos ondedos, numa grande naturalidade, desenhavam uma bonita cabeça que nos impressionou viva-



Vergílio Rodrigues de Passos



Patriota

mente pela semelhança de feições, o ar doce de olhar expressivo e cheio de humanidade.

O busto do marido da Escultora, Sr. Vergílio Rodrigues de Passos, revela a técnica segura da artista, para quem a modelação não tem segredos.

—Últimamente, fiz também os bustos dos meus filhos Vergílio e Joaquim.

—¿Sôbre figuras alegóricas tem V. Ex.^a muitos trabalhos?

—Sim, tenho alguns que o senhor pode ver: o *Segrêdo da avòzinha*, *Rodar do tempo*, *Êxtase*, *Sorriso*, *Dor de dentes*, *Bocejo*, *Patriota*,

Sufrimento, Fúria, Vítimas da Guerra e outros, alguns dos quais de que já lhe falei.

— Falar a mim numa colecção de tipos regionais algarvios, que V. Ex.^a criou.

— De facto, tenho trabalhos dêsse género, mas não são muitos, como eu desejava. Fiz a *Camponesa algarvia*, que já foi exposta em Lisboa e que pertence ao meu filho Vergílio; *Moendo milho*, exposta na Sociedade Nacional de Belas-Artes, quando da I Exposição Feminina de Artes Plásticas; *Fazendo empreita*, um trabalho que está quasi todo



Vítimas da Guerra

rachado; *Preparando o jantar de festa; Tocando ferri-nhos; Cheirando rapé; Bioco; Mulher de lenço; Com frio*; e mais alguns de menor valor.

— Mas V. Ex.^a tem imensos trabalhos e em tal número que poucos escultores em Portugal terão excedido!

— Apesar da falta de tempo, olhando para a minha obra, admiro-me como tenho produzido tanto. Mas, sabe?... É o maior sonho da minha vida, o mundo da minha imaginação que ganhou forma e entre o qual vivo. Cada figura destas tem a sua personalidade própria e é fiel ao meu ideal.

— V. Ex.^a tem ganho muito dinheiro com os seus trabalhos?

— Nunca procurei ganhar dinheiro com a escultura; trabalho por amor e por necessidade espiritual. É um fogo sagrado que me obriga a modelar e a traduzir o vulcão das minhas idéias. Não calcula a alegria que se sente ao transformar o barro numa figura criada pela nossa imaginação e que a pouco e pouco vai tomando forma e vida! O acabamento pouco me interessa, o que desejo é tornar compreensível, para os outros e principalmente para esta gente rude dos campos, estes meus trabalhos.

— E para não demorar mais esta já longa conversa,

diga-me, minha Senhora, dos trabalhos presentes qual foi o último?

— *Os abandonados*, responde-nos D. Rosalina de Passos, indicando um conjunto escultórico ao centro da sala.

O grupo, constituído por duas estátuas em tamanho natural, representa a avó e o neto. A velha, sentada, envolve a criança com uma ponta do chaile que lhe cai dos ombros. A sua expressão revela sofrimento e resignação; a do neto, tristeza e abatimento físico.

A pobre mulher, alquebrada pelos anos e pela miséria, simboliza a tragédia da humanidade representada na fraqueza de um ser feminino, cansado e doente, a reflorescer no neto fraco e triste como uma flor sem seiva.

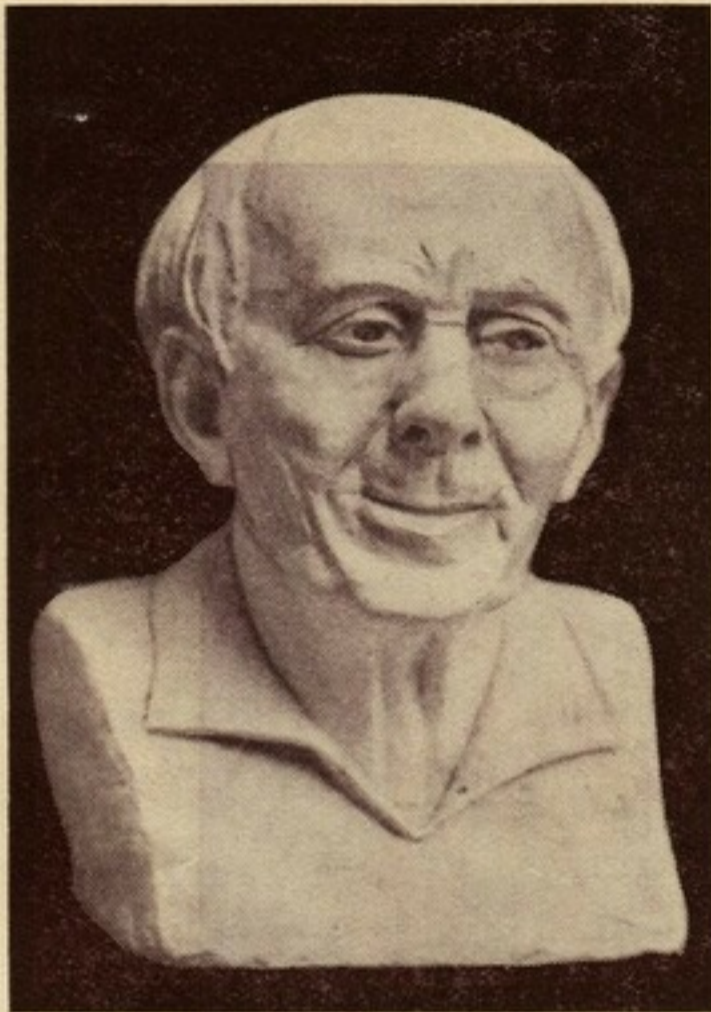
Esta criança, débil pela idade e pela carência de alimentos, simboliza a infância deste velho continente oprimido e esfacelado pela guerra que avassala o mundo. Lares desfeitos, infelizes sem abrigo, perseguidos pelas bombas e pelo troar do canhão.

A criança, perdidos os pais nos escombros da guerra, tendo como único amparo a avó, que se arrasta para a salvar, esforça-se por ficar de pé e mostra-se forte.

Na velha as lágrimas já não correm dos olhos pisados, mas de tanto terem corrido deixaram o vinco nas faces enrugadas pelos anos e pelo sofrimento.



Os abandonados



Cabeça de velho

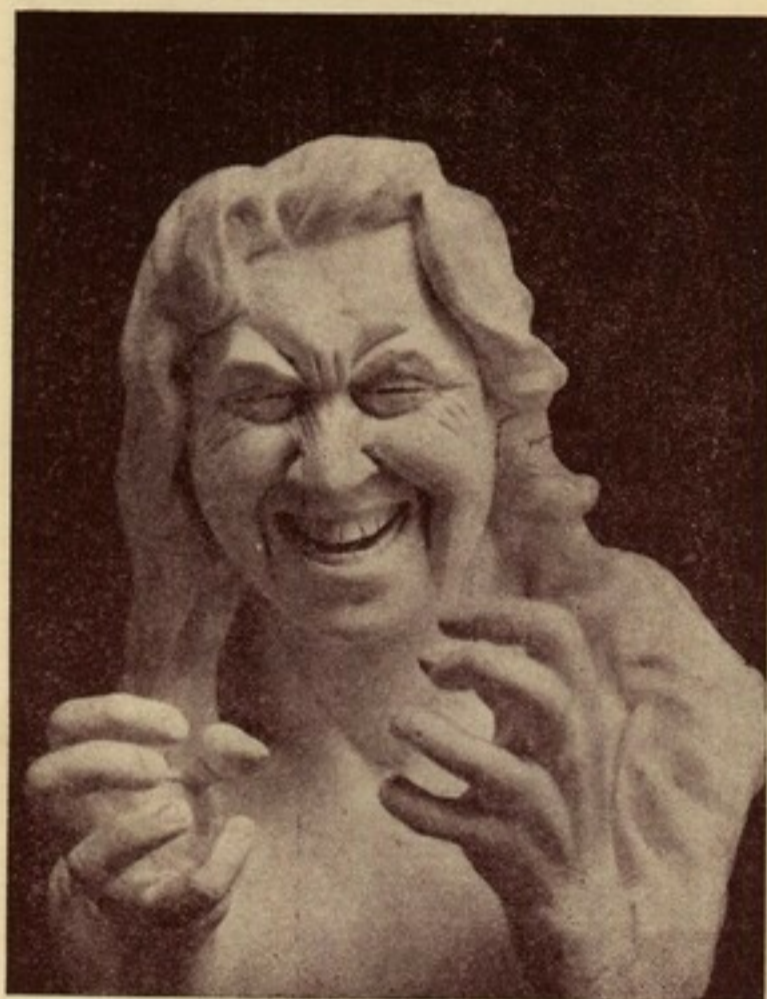
Demorámo-nos, sempre acompanhados pela Artista, na apreciação de outros trabalhos expostos:

A *Cabeça de velho*, um dos primeiros trabalhos da Escultora, tem uma vida que se transmite pelo olhar vivo e penetrante. Uma fôrça anímica enche-lhe de suave doçura a face, em que a pele flácida e cheia de rugas nos mostra o pêso dos anos.

O *Sufrimento*, cabeça de mulher contorcida pela dor, exprime tortura física, que uma ruga ao canto da bôca vinca de uma forma inapagável. Os



Sofrimento



Vingança

cabelos caídos, desdobrando-se com elegância, fazem realçar o motivo escultórico e dão maior expressão a êsse rosto de mulher torturado pela dor.

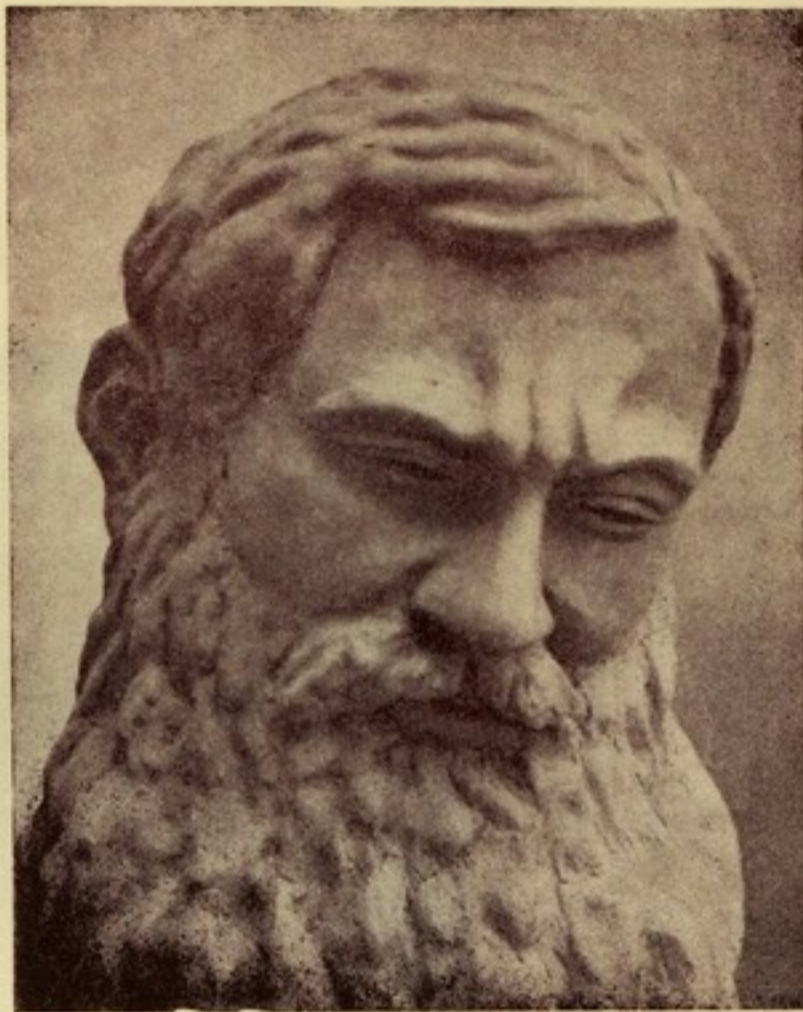
Vingança, busto de grande poder expressivo, é também dos últimos trabalhos de D. Rosalina de Passos. Uma chama de crueldade inflama-lhe o rosto e traduz-se no vigor com que os dedos, lembrando garras, se enclavinham. As mãos, de reais, ganham vida e parecem querer arremeter contra a vítima numa ânsia indomável de esmagar. Os músculos da cara contraídos, os

olhos fechados e os sobrolhos carregados exprimem o sentimento brutal da vingança.

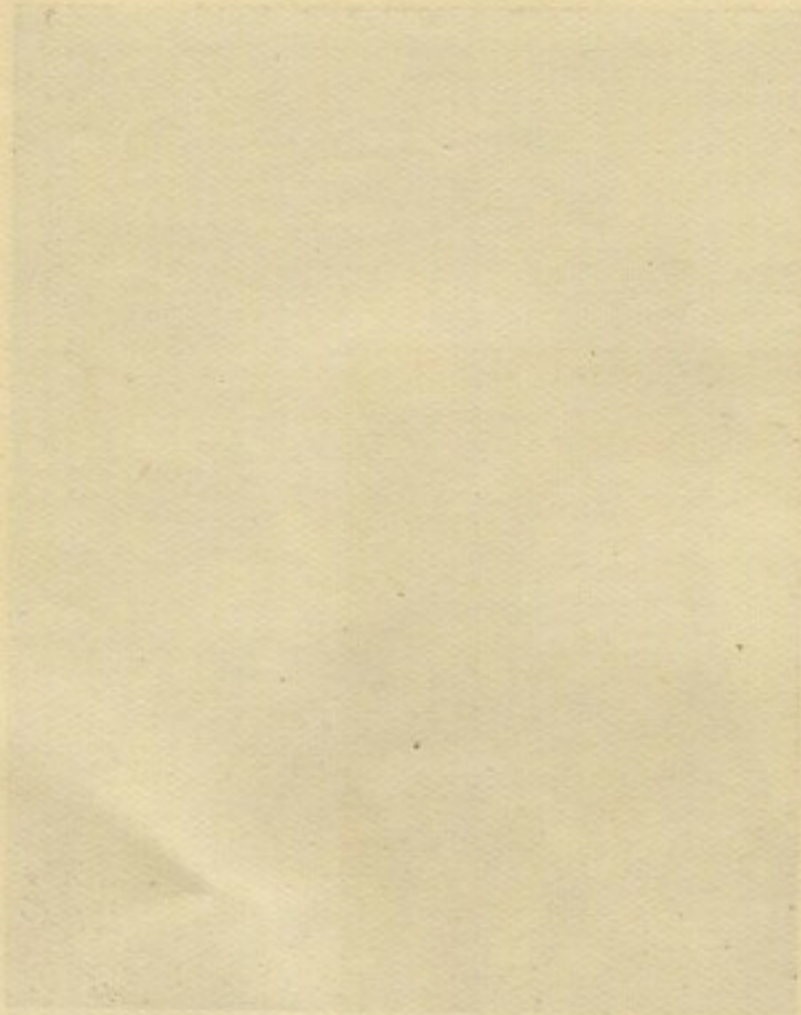
O último busto que a Escultora fêz, ainda se conserva em barro, é a cabeça de Leão Tolstoi.

Neste trabalho há tal vida e é de tal forma expressivo que se adivinha, olhando-o, a cabeça de um intelectual, de um pensador superior ao seu meio e à sua época.

A testa larga e grandiosa, um olhar profundo e umas barbas fartas a cobrirem-lhe o peito, enchem de beleza e luz a expressão vigorosa que



Leão Tolstoi



reveste ao mesmo tempo algo de sonhador.

O *Segredo da avòzinha* mostra-nos uma senhora de idade, de echarpe aos ombros, e numa atitude sorridente de surpresa. A mão direita, com o indicador levantado, dirige-se a alguém numa atitude doce como que a querer impor silêncio. A bôca abre-se a sorrir, os olhos semi-fechados revelam uma grande alegria íntima de quem antegoza o prazer da oferta que vai fazer aos netos.

Camponesa algarvia é um busto em tamanho natural, que re-



Segredo da avózinha

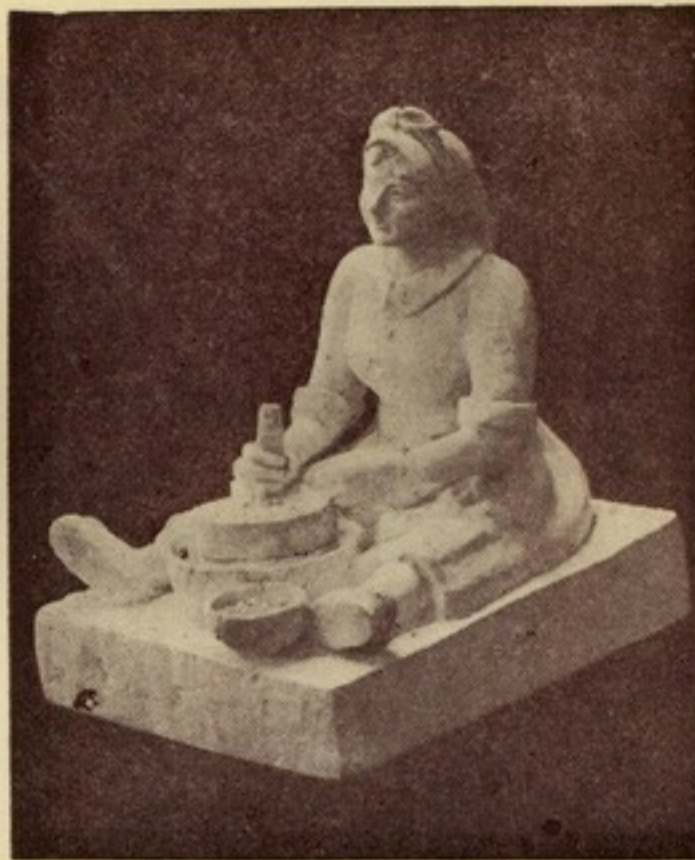


Camponesa algarvia

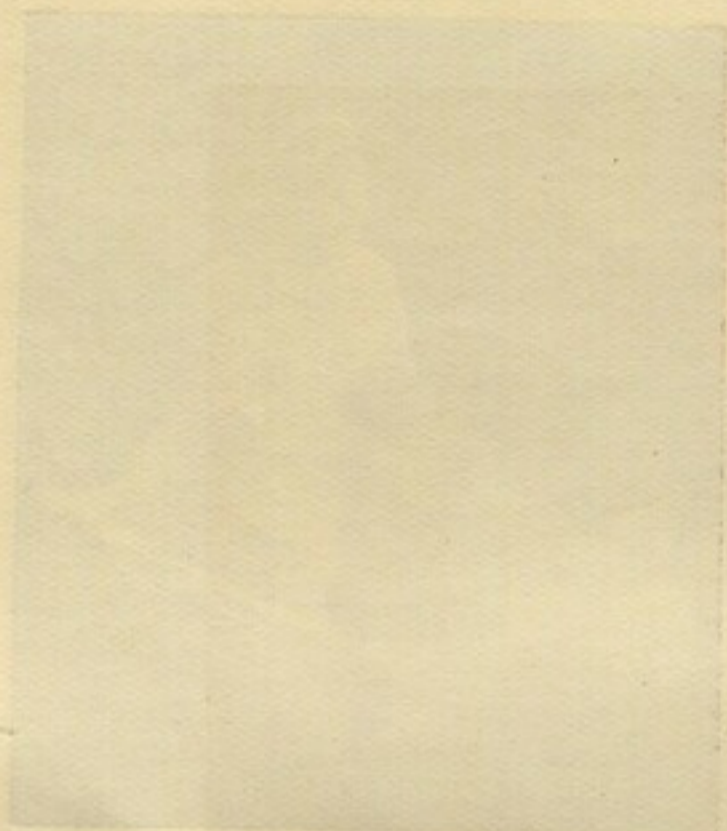
presenta uma rapariga de alegre fisionomia. A face rechonchuda e bonacheirona, envolta num lenço, mostra a vida sadia de uma mondadeira.

O rosto bem modelado e expressivo abre-se num sorriso franco e doce.

Moendo milho é uma pequena estatueta em gesso, patinado de bronze, que representa uma camponesa sentada, junto de uma mó, que ela faz moer com a mão direita, deitando os grãos com a esquerda. A rapariga está vestida com uma blusa, à maneira do campo, e com uma saia bastante



Moendo milho



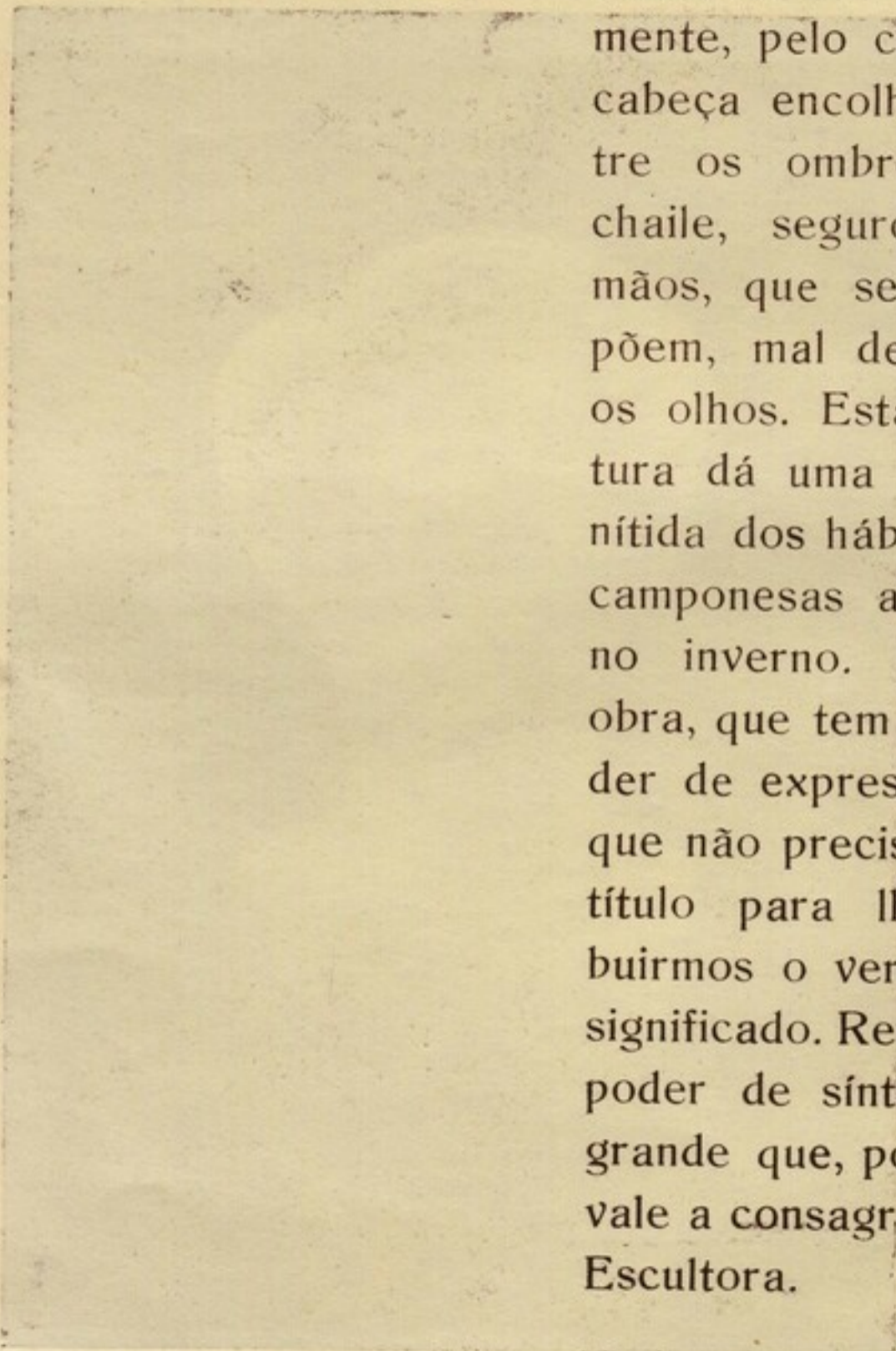
rodada, segundo o hábito feminino nos campos do Algarve.

O *Bocejo* representa uma cabeça de rapaz, de bôca aberta, a bocejar de uma forma tão real que, fitando-o, dá, também, vontade de bocejar. A cabeça inclinada para trás e de olhos semi-cerrados revela, admiravelmente, a pessoa que boceja. Os cabelos, caindo num grande à-vontade, numa modelação larga, formam uma linda cabeça de menores dimensões que o natural.

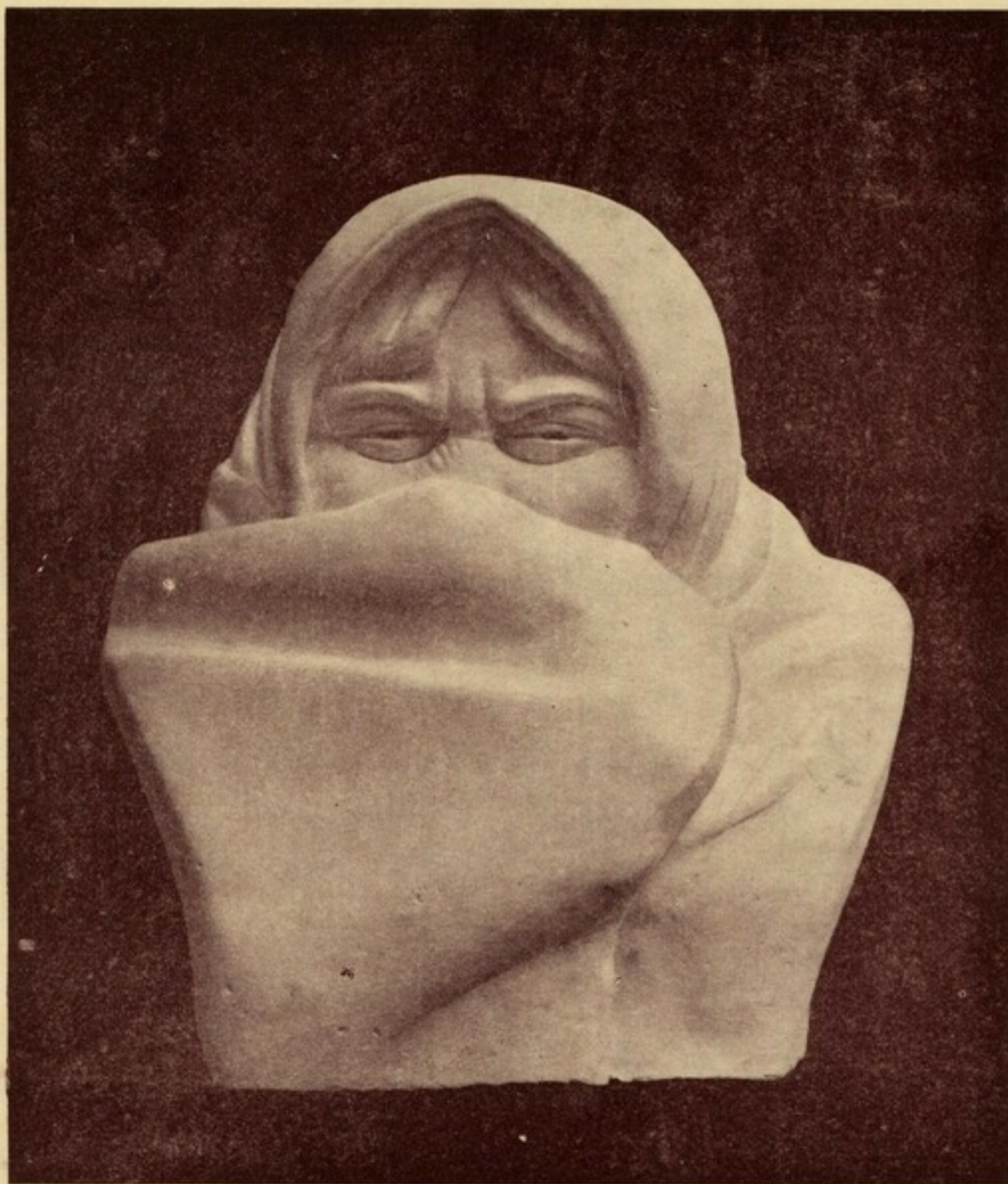
Com frio é um busto de mulher, de tamanho natural. Os cabelos e o rosto são



Bocejo



envolvidos, tipicamente, pelo chaile. A cabeça encolhida entre os ombros e o chaile, seguro pelas mãos, que se sobrepõem, mal deixa ver os olhos. Esta escultura dá uma imagem nítida dos hábitos das camponesas algarvias no inverno. É uma obra, que tem um poder de expressão tal, que não precisaria de título para lhe atribuímos o verdadeiro significado. Revela um poder de síntese tão grande que, por si só, vale a consagração da Escultora.



Com frio

ÍNDICE DAS GRAVURAS

	Pág.
D. Rosalina de Passos	3
Súplica	13
S. José	15
D. Joaquina Dias Passos.	21
Alexandre Herculano.	24
Beethoven	25
Vergílio Rodrigues de Passos	27
Patriota	28
Vítimas da Guerra.	29
Os abandonados	33
Cabeça de velho	34
Sufrimento	35
Vingança	36
Leão Tolstoi	37
Segrêdo da avòzinha.	39
Camponesa algarvia	40
Moendo milho	41
Bocejo	43
Com frio.	45

INDICE DAS GRAVURAS

ACABOU DE IMPRIMIR-SE AOS DOZE
DIAS DO MÉS DE JUNHO DO ANO
DE MIL NOVECENTOS E QUARENTA
E CINCO NAS OFICINAS DE GOMES
& RODRIGUES, L.^{DA}, RUA DAS PICOAS
TRINTA E DOIS E TRINTA E QUATRO
————— EM LISBOA —————